

Rio de Janeiro

MAIS SIMPLES

Os pobres perderam a paciência

No último Fórum Econômico em Davos, o Diretor do Fundo Monetário Internacional Rodrigo de Rato disse que os pobres perderam a paciência e que o grande desafio da América Latina permanece em acabar com a desigualdade de renda.

É positivo quando vemos o FMI mudando de estratégia e se preocupando mais com a questão social. Entretanto, é importante repassarmos a história e as propostas encaminhadas por cada país, e em particular na década de 90, aqui na América Latina, pois cada um dos países que se socorreu do Fundo utilizou a cartilha econômica que previa superávits cada vez maiores e outras ações de política econômica que acabaram não produzindo o efeito esperado.

O Consenso de Washington virou uma máxima que todos deviam seguir, e assim foi feito. Era necessário austeridade fiscal por parte dos governos de países "irresponsáveis" que precisavam de tutores, pois eram incapazes de gerenciar a sua própria casa. Só assim a comunidade financeira internacional reconheceria a credibilidade desses países.

Ocorre que a receita de bolo continha ingredientes que não fizeram o bolo crescer como deveria, e com isso desandou em alguns países. Exemplo mais claro disso foi a Argentina, com a recente moratória de parte da dívida.

É verdade que o Brasil e outros países sofrem ainda hoje com o pagamento de dívidas assumidas, por conta do desenvolvimento que tivemos entre as décadas de 50 e 70, o que possibilitou melhoria na qualidade de vida da população brasileira. Parte dessa dívida

também é fruto do inchaço da máquina estatal durante esses mesmos períodos, o que comprometeu o resultado fiscal dos governos aumentando o endividamento.

A atual e as futuras gerações pagam o custo por esse modelo que pode ter encurtado o caminho do progresso, mas que gera um esforço enorme por parte da população, fruto da impaciência no desenvolvimento, porque os juros nada mais são do que o preço da impaciência.

A atual sociedade latino-americana, indignada com esse modelo econômico que pouco ou quase nada contribuiu para melhoria de vida do povo, resolveu mudar e apostar em uma democracia com viés socialista, para tentar melhorar os níveis sociais, que estão abaixo dos aceitáveis.

Diante deste novo quadro, que, imagino, tem causado um certo temor por parte das agências financeiras internacionais, como o FMI, entre outras, percebe-se a existência de uma variável que parecia não estar contemplada na cartilha econômica adotada, o ser humano.

Não estou falando aqui de retomar práticas que possam sacrificar a estabilidade macroeconômica, mas é preciso estabelecer uma agenda positiva de crescimento através de ações concretas microeconômicas e uma política monetária mais flexível, capaz de resgatar o desenvolvimento e promover uma melhor distribuição de renda e inclusão social.

Em síntese, precisou que os pobres perdessem a paciência para que a comunidade financeira internacional mudasse o discurso. Não será possível uma economia estável e desenvolvida sem equidade social.

Nelson Rocha

CONSELHEIRO DO CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE

Portal: www.maissimples.org.br / e-mail: nelsonrocha@maissimples.org.br